

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Marina Gomes Sant'Ana

**A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES
SOBRE O PROBLEMA E OS 'FUTEBÓIS' COMO POSSIBILIDADE DE
INTERVENÇÃO**

Congonhas
2012

Marina Gomes Sant'Ana

**A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES
SOBRE O PROBLEMA E OS 'FUTEBÓIS' COMO POSSIBILIDADE DE
INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): José Ângelo Gariglio

Congonhas
2012

Marina Gomes Sant'Ana

**A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES
SOBRE O PROBLEMA E OS 'FUTEBÓIS' COMO POSSIBILIDADE DE
INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): José Ângelo Gariglio

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Ângelo Gariglio – Faculdade de Educação da UFMG

Fabrine Leonard – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

A indisciplina dos alunos aparece como um comportamento ainda frequente nas aulas de Educação Física. Na tentativa de buscar estratégias para a redução da indisciplina nas aulas de Educação Física, investigou-se as possíveis causas deste comportamento dos alunos. Através da investigação foi possível perceber que a falta de interesse dos alunos pelos conteúdos abordados estava diretamente relacionada ao mau comportamento apresentado nas aulas. A partir de uma nova postura, abrindo espaço para o diálogo com os alunos, o conteúdo futebol, foi colocado por eles como o mais relevante entre os que julgavam ser conhecimentos da Educação Física. Assumindo “os futebóis” como uma possibilidade de intervenção nas aulas de Educação Física foi possível perceber melhora no comportamento dos alunos e ainda ampliar a concepção tradicional que tínhamos sobre a presença do futebol nas aulas de Educação Física.

Palavras-Chave: indisciplina, desinteresse, futebóis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 DESENVOLVIMENTO	13
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade em conduzir as aulas de Educação Física despertou o interesse em aprofundar o estudo sobre o comportamento dos alunos. Durante as aulas de Educação Física, a indisciplina dos alunos apareceu como problema frequente. Com auxílio do professor orientador, na intenção de refletir sobre os problemas encontrados e buscar possíveis soluções para a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física, foi desenvolvido um Plano de Ação com alunos do 5º ano de uma escola municipal de Congonhas – MG.

A indisciplina dos alunos pode estar relacionada com a dificuldade destes sujeitos em compreender a Educação Física como uma disciplina que possui conhecimentos específicos, conteúdos que vão além do futebol e da queimada. Desde o início do meu trabalho como professora de Educação Física nesta escola, as cobranças dos alunos para “jogar futsal” e “jogar queimada” foram grandes, fazendo com que discussões intensas fossem geradas. Em minha condição de professora recém-formada, com todo conhecimento ainda intenso em meus pensamentos, dentre este o relacionado às críticas ao esporte, estava motivada a fazer algo que pudesse ampliar o que os alunos tinham como especificidade da Educação Física.

De um lado estava eu, como professora iniciante querendo ampliar a visão que eles tinham em relação a Educação Física escolar, e do outro os alunos de um 5º ano que, ao que me parece, vinham desde os anos iniciais tendo práticas recreacionistas ou esportivizadas (tendo o futsal como conteúdo principal, ou talvez como único esporte).

Durante minha formação às críticas em relação a maneira como o esporte é tradicionalmente tratado na escola foram muito intensas. Tais críticas me fizeram assumir certo preconceito em relação ao esporte. Segundo Bracht (2000), sob influências de teorias críticas da educação e da sociologia crítica do esporte sobre o esporte e o esporte de rendimento, criaram-se alguns equívocos acerca da presença destes no âmbito escolar. Confesso que me sinto influenciada por estes equívocos, e destaco aqui dois dos mencionados por Bracht (2000), considero até que os dois

se aproximam bastante já que ambos estão relacionados à técnica, movimento e ao trato crítico do esporte.

Equívoco/Mal entendido 2: Tratar criticamente o esporte nas aulas de EF é ser contra a técnica esportiva. Portanto, os que não são críticos são tecnicistas. Por outro lado, aqueles que dizem tratar criticamente o esporte na EF negam a técnica, são contra o ensino das técnicas esportivas. (...) Equívoco/Mal entendido 4: Tratar criticamente o esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão. (Bracht, p. 16 a 18).

Minha insegurança em tratar o esporte na escola estava diretamente relacionado a estes dois equívocos. Eu ainda não me via em condições de criar estratégias metodológicas que pudessem relacionar visão crítica do esporte, técnica e movimento, sem privilegiar ou menosprezar algum destes aspectos.

Esta insegurança e a dificuldade em estruturar o esporte respeitando minhas ideias acerca deste conteúdo e ainda considerando a realidade escolar em que eu estava inserida podem ser justificadas pela minha condição de professora iniciante. Zaragoza *apud* Nono (2005) classifica algumas reações/atitudes dos professores principiantes ao se defrontarem com uma prática diferente dos ideias pedagógicos assimilados durante a formação inicial. Dentre as classificações descritas pelo autor, destaco duas que se identificam com minha realidade:

O predomínio de sentimentos contraditórios, sem conseguir esquemas de atuação prática que resolvam o conflito entre ideais e realidade. O professor vai adotar uma conduta flutuante em sua prática docente e em sua valorização de si mesmo. (...)

O predomínio da ansiedade, quando o professor se dá conta de que carece dos recursos adequados para pôr em prática seus ideias e, ao mesmo tempo, manter o desejo de não renunciar a eles e de não cortar sua implicação pessoal no magistério. A contínua comparação entre sua pobre prática pedagógica e os ideias que desejaria alcançar o levarão a esquemas de ansiedade quando o professor reage de forma hiperativa, querendo compensar com seu esforço pessoal os males endêmicos do magistério. As manifestações depressivas aparecem nesse mesmo esquema, quando, na comparação, o professor chega à autodepreciação, culpando-se pessoalmente por sua incapacidade de chegar à prática dos ideias pedagógicos aprendidos. (p. 44 – 45).

As contradições entre as ideias que eu tinha formado em minha graduação (mais voltadas à críticas a maneira como o esporte é tratado) e a realidade

encontrada na escola (a cobrança dos alunos pelo “jogar bola”), aliadas à minha falta de conhecimento sobre como estabelecer e estruturar determinado conteúdo (mais especificamente o esporte) dificultavam minha prática pedagógica.

De acordo com Nono (2005), diante das dificuldades e contradições entre o que se espera da docência e a realidade encontrada, o professor principiante pode esconder-se em mecanismos de fuga. No meu caso, especificamente, esta fuga estava relacionada a um determinado conteúdo, portanto, à ausência do esporte em meu planejamento naquele ano letivo.

Desde o início do ano letivo busquei criar com os alunos uma visão de que a Educação Física trata-se de uma disciplina, uma área de conhecimento que não é representada apenas pelo esporte, ou mais especificamente pelos quatro esportes tradicionais (futsal, basquete, handebol e vôlei). De acordo com Betti e Zuliani (2002):

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. (p. 75).

Dessa forma, percebemos que o “apenas jogar” não está de acordo com o que se espera de um componente curricular. A Educação Física deve então contribuir com a formação dos alunos. Souza Júnior (2001, p.83), *apud* González e Fensterseifer complementa a ideia de compreender a Educação Física como componente curricular, sendo esta:

[...] não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno. (2010, p. 12).

Sendo assim, ao iniciar meu trabalho nesta escola, planejei as aulas considerando que o ensino da Educação Física deve ir além do aprendizado de

gestos técnicos de determinado esporte coletivo. Durante minha formação acadêmica foram grandes as críticas em relação ao esporte, principalmente ao futebol, já que por muitas vezes ele era a única opção dos professores da escola e ainda era tratado de forma tradicional ou até mesmo reduzido a uma recreação. Acredito que já saí da universidade com certo preconceito em relação a este conteúdo, por ele ter sido tão criticado.

Nesta escola, especialmente na turma em que surgiu meu interesse em aplicar o Plano de Ação, as cobranças dos alunos sempre se direcionaram ao futsal. Ainda me faltavam instrumentos para assumir o esporte e, particularmente o futsal de maneira crítica, por isso me recusei a colocá-lo em meu planejamento.

A dificuldade dos alunos em assumirem a Educação Física como uma disciplina que apresenta um conhecimento a ser estudado pode ter suas influências nos motivos pelos quais a EF foi inserida no currículo escolar. De acordo com Bracht (1999), a inserção da Educação Física na escola se deveu a necessidade de se construir uma nova ordem social nos séculos XVIII e XIX. Neste período a medicina coloca o movimento como essencial para promover e manter a saúde. Assim, a Educação Física, até então, tida como ginástica e influenciada pelo higienismo torna-se necessária nas escolas.

A inserção da Educação Física foi fundamentada pelo conhecimento essencialmente biológico, sendo os aspectos conceituais, históricos, críticos pouco considerados. Com as mudanças históricas, a Educação Física passa por outras influências, como a militarista e a esportivista, que mantiveram a dimensão procedimental (saber fazer) como característica fundamental. Acredito que estas influências podem estar diretamente associados ao que os alunos acreditam ser a Educação Física. Além dessas influências, parecia-me que na visão dos alunos as aulas de Educação Física eram tidas como um momento para recreação e não como um, espaço de transmissão de conhecimento.

Ao tentar ampliar as possibilidades da Educação Física escolar, encontrei resistência por parte dos alunos. Minha dificuldade em relação a indisciplina e ao desinteresse dos alunos gerou uma relação de tensão entre nós. Se por um lado eles não se abriam para o conteúdo proposto, eu também não cedia de forma a

tentar apresentar algo significativo para eles. Com toda essa tensão gerada, o estresse por perceber que as aulas não estavam rendendo conhecimento nem para mim nem para os alunos, o sentimento de incompetência se manifestou.

Os alunos tiveram dificuldades para compreender e aceitar minha forma de trabalhar. Encontrei dificuldades não só em relação a opção por determinados conteúdos ou pela maneira como eram tratados, mas também com a minha maneira de conduzir as aulas. Ao que tudo indica, estes alunos não tinham costume de ouvir seus antigos professores de Educação Física. Encontrei dificuldades em mostrar para os alunos que as aulas de Educação Física apresentam atividades que devem ser explicadas, compreendidas e não apenas “jogadas”. Os momentos em que eu tentava obter silêncio faziam com que os alunos ficassem ansiosos e isso acabava gerando indignação por parte dos que se interessavam pela minha explicação. Os conflitos entre os poucos alunos que se interessavam com os que não queriam me ouvir chegavam até mesmo agressões físicas.

Acredito que o desinteresse pelas novas possibilidades pode ter influenciado o mau comportamento dos alunos. A Educação Física escolar, de uma maneira geral, vem passando por um momento de transição, em que o “simples fazer” já não é o suficiente mas em contrapartida, encontram-se dificuldades para sistematizar um novo modelo de Educação Física escolar. A Educação Física foi compreendida durante décadas como um simples “fazer” na escola, e foi assim também durante as aulas destes alunos até aquele momento. González e Fensterseifer (2010) comentam sobre esta fase de transição da Educação Física:

A tomada de posição a que somos convocados, individual e coletivamente, assume um caráter de ruptura paradigmática, afinal, são longos anos de uma tradição em que os aspectos específicos desta instituição republicana chamada “escola” não nos diziam respeito. Nosso fazer não passava de uma “atividade” que acontecia no seu interior. Nosso compromisso resumia-se a uma “atividade” (fazer) e hoje somos desafiados a construir um saber “com” esse fazer. Mais que isso, pensar um saber que se desenvolve ao longo dos anos escolares em complexidade e criticidade.(p. 13)

A partir do momento em que o professor tenta alterar algo que era tido pelos alunos como certo durante anos é de se esperar que se tenham reações, mesmo que sejam a de não aceitação pelo “novo”. Entre estas reações, a que se

manifestou na maior parte do tempo foi a indisciplina, assim, a forma como os alunos puderam dizer que para eles algo estava errado, foi com o mau comportamento. A ideia de que a Educação Física se trata de uma disciplina que não possui um conteúdo específico me pareceu estar presente também na visão dos demais professores. Durante conversas na sala dos professores, era comum ouvir que os alunos têm o direito de “extravasar” nas aulas de Educação Física. Foi possível perceber que para os outros professores a Educação Física estava presente na grade curricular para ser um momento em que os alunos liberassem a energia, para chegar em sala de aula prontos para absorver o conhecimento das demais disciplinas. É notória a marginalização da Educação Física em relação as demais disciplinas escolares. De acordo com Young (1996), alguns elementos devem estar presentes para que se considere um conhecimento como disciplina escolar. Entre eles, menciona a avaliação, a leitura e a escrita. Assim, as disciplinas que apresentam estes códigos tornam-se as mais nobres da escola. Ao considerarmos esta observação e analisarmos a Educação Física encontramos fatos que apontam para sua marginalização no currículo escolar.

Moreira *apud* Jeber (1996) analisa a posição inferiorizada da Educação Física na escola comparando-a com as demais disciplinas:

Genericamente confrontando com outras disciplinas curriculares, vemos algumas discrepâncias (...).

A primeira (...) é que todas as propostas curriculares na escola possuem sequencialidade, que acompanha o desenvolvimento da atividade curricular do aluno nas diversas séries. Em EF isso não ocorre, pois o mesmo ‘conteúdo’, os mesmos “procedimentos de ensino”, os mesmos “objetivos” propostos são vivenciados por alunos de diferentes faixas etárias, de diferentes séries, de diferentes conhecimentos ou experiências nessa disciplina curricular.

A segunda (...) diz respeito à possível importância que o professor de EF e a Administração da Escola dão ao desenvolvimento do conteúdo programático dessa disciplina.

Submeter o conteúdo da EF às exigências burocráticas e meramente legais é, no mínimo, perpetuar a ilegitimidade dessa disciplina no interior da escola; (...) é (...) perpetuar a EF como atividade periférica do contexto educativo escolar.

A terceira (...) é a constatação de que a EF, enquanto componente curricular, é apenas prática de atividades e estas, ainda, subjugadas por condições atmosféricas (p.180-181).

Acredito que estas considerações aliadas a toda história da Educação Física na escola e ainda a realidade vivida especificamente nesta escola contribuíram para a visão limitada dos sujeitos em relação ao que representa a Educação Física. Eu, como professora iniciante, não estava certa do que deveria ser realizado nas aulas de Educação Física. Estava consciente do que não deveria ser feito, entretanto me faltavam subsídios para estruturar um planejamento que estivesse de acordo com o que aquela realidade específica necessitava e que fosse ainda de encontro a um modelo que assuma a Educação Física escolar como componente curricular, que ofereça aos alunos condições de ter acesso à cultura corporal de movimento, contribuindo para uma formação crítica destes sujeitos.

Em meio a estas tensões, durante o curso de Especialização em Educação Física Escolar, fomos orientados a elaborar um Plano de Ação que pudesse nos trazer outras visões e questionamentos em relação às dificuldades encontradas em nossa prática pedagógica. A busca por prováveis soluções para os problemas de indisciplina e desinteresse dos alunos do 5º ano, a possível aceitação por minha parte em tratar o esporte nas aulas de Educação Física e o interesse em aprofundar minhas reflexões em relação a minha prática pedagógica, me fizeram optar por aplicar o Plano de Ação junto aos alunos deste 5º ano.

Sendo assim, busquei investigar a hipótese de a indisciplina ter sido desenvolvida a partir do desinteresse dos alunos pelas mudanças nas aulas de Educação Física. E a partir desta investigação, encontrar junto aos alunos possibilidades que tornem as aulas significativas.

O objetivo principal deste trabalho foi o de encontrar, junto com os alunos, um tema/conteúdo que seja relevante para estes sujeitos e abordá-lo de maneira ampla, não levando em consideração apenas aspectos técnicos ou motores, mas tratando-o também de maneira histórica, conceitual. Parti da ideia de que após esta investigação e readaptando a maneira de tratar o conteúdo, a aceitação, participação e, conseqüentemente, o comportamento dos alunos, melhorasse.

2. DESENVOLVIMENTO

Este Plano de Ação foi realizado na intenção de investigar as causas da indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física e ainda, buscar possíveis soluções para este problema. Partindo da hipótese de que os conteúdos constantes no meu planejamento poderiam não estar satisfazendo as expectativas dos alunos em relação às aulas de Educação Física, investiguei quais conteúdos os alunos assumiam como relevantes para suas aulas de Educação Física. Posteriormente, com o conteúdo já definido, analisamos o que os alunos compreendiam sobre tal, e quais conhecimentos poderiam ser acrescentados acerca deste conteúdo.

Esta intervenção foi realizada com alunos do 5º ano de uma escola municipal de Congonhas – MG.. Logo no início, percebi que esta seria a turma em que teria grandes dificuldades. Nesta escola são três turmas de 5º ano, sendo divididas, nitidamente, de acordo com o desempenho escolar. A turma de 5º ano elegida por mim questão trata-se da turma que tem o menor rendimento entre as demais. Nela encontra-se um grande número de repetentes e maioria dos alunos são meninos. Optei por trabalhar com essa turma, por ter sido a que encontrei maiores dificuldades ao iniciar meu trabalho como professora. Os principais problemas estavam relacionados a indisciplina e o desinteresse pelos conteúdos propostos. Durante as discussões realizadas no curso LASEB – Educação Física Escolar, refletimos sobre a possível relação entre estes dois problemas, a indisciplina e o desinteresse. A escolha da turma se justifica por eu estar pensando na possibilidade de solucionar estes problemas, melhorar a relação professor-aluno, ampliar minha visão e também a destes alunos acerca do papel da Educação Física escolar, e ainda assumir a necessidade de dar voz aos alunos para tornar o trabalho mais significativo para os sujeitos envolvidos.

Como a minha ideia inicial foi a de encontrar um conteúdo que fosse relevante para a realidade daqueles alunos, durante o processo de investigação optei pelas bases metodológicas advindas da Abordagem Aulas Abertas na Educação Física. Optei por esta abordagem por acreditar que o ensino orientado no aluno e na comunicação iriam facilitar esta etapa do trabalho.

A opção pela abordagem das Aulas Abertas me auxiliou neste momento de investigação, já que desta forma os alunos teriam mais autonomia e as aulas seriam construídas de maneira a respeitar o que eles julgavam como pertinente naquele momento. De acordo com Azevedo e Shigunov:

a concepção de Aulas Abertas em Educação Física considera a possibilidade de co-decisão no planejamento, objetivos, conteúdos e formas de transmissão e comunicação no ensino. Concebida, na expectativa de que essa nova visão fosse alterar a preparação profissional criando outros sentidos de aulas para as crianças, no que refere-se ao jogo, movimento, esporte e prática docente.

É importante ressaltar que utilizando esta metodologia o professor não perde sua autoridade, apenas deixa de ser a figura principal para se tornar um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o ensino não está orientado no professor, mas no aluno. Hirai e Cardoso (2006), comentam sobre o ensino orientado no aluno:

Nas aulas orientadas no aluno, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e de decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, idéias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar na decisão sobre o planejamento e realização da aula. (p. 121)

Assim, eu esperava que esta abordagem fizesse com que os alunos participassem mais ativamente das aulas, tornando-a mais atraente para eles.

Na disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica do curso LASEB – Educação Física escolar, fomos convocados a pensar em nossas maiores inquietações durante o trabalho como professores. A necessidade de reduzir a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física, era minha maior dificuldade. E eu fui percebendo que a tensão com os alunos estava diretamente aliada à grande cobrança sobre a presença do “jogar bola”. Isto me deixava entristecida, e por muitas vezes nervosa, ao perceber que mesmo depois de quatro anos estudando em uma faculdade para me formar, ainda me viam como uma pessoa que pegava a bola e simplesmente entregava para os alunos jogarem. Tive uma graduação que

apresentou inúmeras críticas aos professores que reduziam suas aulas ao “jogar futebol e queimada”, e perceber que a cobrança dos alunos era para que eu me tornasse um desses profissionais me aborrecia.

Por isso, mesmo sem saber muito bem por onde iniciar, defini como prioridade trazer vivências diferentes das que eram conhecidas pelos alunos e que ao mesmo tempo fossem significativas para estes sujeitos. Pensei que assim, poderia ampliar o que pensavam sobre a Educação Física escolar, contribuindo para a formação de uma visão mais crítica dos alunos sobre o que poderia ser tratado nas aulas.

Até este momento, eu já tinha duas considerações definidas para direcionar meu trabalho: a necessidade de reduzir a indisciplina dos alunos e a ânsia por trazer uma visão mais ampliada sobre as aulas de Educação Física. Entretanto, ainda me faltavam ideias sobre qual conteúdo seria viável para aquela turma específica.

No decorrer do curso LASEB, tivemos contato com professores da área da Educação Física que nos colocaram em contato com trabalhos e autores que pudessem nos auxiliar no desenvolvimento do Plano de Ação. Em uma das disciplinas o professor nos apresentou textos que tratavam de conteúdos específicos através de abordagens não tradicionais. Um dos textos apresentados me chamou a atenção por colocar o futebol numa perspectiva que até então eu não tinha conhecimento. O texto era “Pressupostos orientadores para o ensino dos futebóis na Educação Física escolar” (2009), que de acordo com o próprio autor Ricardo Rezer, tem como objetivo principal apresentar pressupostos orientadores para uma abordagem crítica do ensino dos futebóis na Educação Física escolar. Ao analisar o texto, encontrei alternativas concretas para tratar o futebol de maneira crítica. Pensei então que ignorar a cobrança dos alunos pelo futebol não seria a melhor opção para reduzir as tensões entre nós e os comportamentos indesejáveis durante as aulas. Com a leitura do texto, considerei que poderia aliar o interesse deles em ter o futebol nas aulas com a minha ânsia em ampliar o que pensavam ser Educação Física escolar.

Mesmo tendo em mente a hipótese de que os alunos consideravam o futebol o principal conteúdo a ser tratado pela Educação Física escolar, ao iniciar o Plano

de Ação, julguei necessária uma investigação sobre qual/quais conteúdos os alunos julgavam pertinentes à Educação Física escolar. Imaginei que com a investigação teria respostas mais palpáveis, mais concretas sobre o que eles consideravam importante nas aulas de Educação Física e o que eles já haviam vivenciado em suas aulas anteriormente.

Iniciei o trabalho já no final do ano letivo, por isso, teria que considerar o período de provas finais, recuperação e demais atividades que aconteciam neste período. Estas atividades eram muitas vezes colocadas como mais importantes que as aulas de Educação Física, (como já mencionado, a Educação Física ocupa um lugar inferiorizado na hierarquia escolar) acabei tendo meu número de aulas reduzidos. Apesar de os professores do curso LASEB terem nos alertado para a necessidade de realizar o Plano de Ação com mais antecedência, acabei me programando para realizá-lo no final do ano letivo. Acredito que meu trabalho foi prejudicado por eu ter tomado essa atitude, já que acabei não organizando as aulas do Plano de Ação de maneira sequencial, optando por metodologias que se encaixassem com o pouco tempo que tinha para desenvolvê-lo.

Partindo da minha maior inquietação em minha prática pedagógica que era a indisciplina e tendo como prioridade tratar novas experiências para os alunos, os procedimentos de avaliação foram de acordo com estas considerações. Analisei ao final do trabalho as mudanças no comportamento dos alunos e quais conhecimentos lhes foram acrescentados com o Plano de Ação.

Aula 1 – Investigação

Objetivos: Compreender o perfil dos alunos, analisando o que pensam sobre a Educação Física e a trajetória desta disciplina na vida escolar.

Desenvolvimento: Os alunos tiveram que montar cartazes retratando através da escrita ou do desenho o que eles julgavam ser conhecimentos próprios da Educação Física.

Considerações: No início da aula encontrei resistência por estarem dentro de sala. Apesar de não ter sido a primeira vez que ministrei aulas dessa turma em sala de aula, eu ainda encontrei certa resistência por parte deles. Pelo que já conhecia da turma, não era comum terem aula de Educação Física dentro de sala com os antigos professores, nem mesmo em dias com más condições climáticas, já que a escola possui quadra coberta. Acredito na possibilidade de aulas teóricas de Educação Física acontecerem na quadra, mas para aquela situação, a quadra não seria apropriada. Os alunos precisariam das carteiras para organizar seus cartazes, por isso, a aula aconteceu em sala.

Com o tempo, os alunos se envolveram na atividade e deixaram de questionar o fato de não irem para quadra. Quando acabaram seus cartazes analisamos o que foi retratado por eles. Em todos os cartazes o futebol apareceu. Além dele, encontramos a queimada, a corda, o elástico, a bola e o basquete.

Em discussão com os alunos comentamos o que lhes parecia familiar em todos os cartazes e como o futebol foi representado por todos, optamos por tratá-lo em nossas aulas de Educação Física.

Durante a discussão, tentei compreender se o fato de o futebol ter aparecido nos registros era justificado pela admiração dos alunos por este conteúdo ou então pela forte presença deste nas aulas de Educação Física dos alunos até o momento. Pude perceber que os registros se justificavam pelos dois motivos. A maioria dos alunos do sexo masculino disse que esta é atividade que mais gostam também fora da escola, o “brincar de futebol”. Entretanto, pelos comentários das alunas e de parte dos alunos, o futebol foi registrado por estar presente na história que tinham das aulas de Educação Física. Estes comentaram que não gostam da atividade, tal como foi praticada nas aulas até então, mas que ela deveria aparecer nos cartazes por ter sido o conteúdo principal até o momento.

Observei que mesmo a escola não tendo campo, os alunos representaram em seus cartazes o futebol de campo. A quadra da escola não é pintada, portanto imaginei que ao colorirem seus desenhos de verde os alunos estavam retratando especificamente o futebol de campo. Não comentei esta observação com os alunos para não influenciar o que aconteceria na próxima aula.

Pedi para que pesquisassem sobre o futebol e me trouxessem o máximo de informações possíveis sobre este tema na aula seguinte. Deixei a pesquisa livre para ver se a minha suposição de que os alunos estavam se referindo ao futebol de campo iria se confirmar.

Registos:



Foto 1 – Confeção dos cartazes



Foto 2 – Confeção dos cartazes

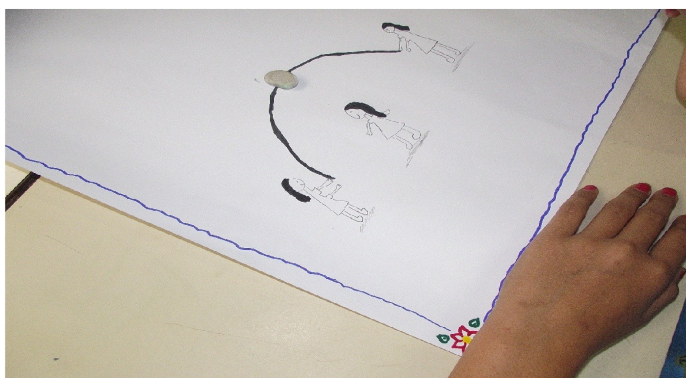


Foto 3 – Confeção dos cartazes

1. Todas as fotos deste trabalho são de responsabilidade da autora. Congonhas/MG.

Aula 2 – Futebol ou Futebóis?

Objetivo: Analisar o que compreendem como futebol e ampliar os conhecimentos acerca deste conteúdo.

Desenvolvimento: Nesta aula, os alunos apresentaram o que haviam pesquisado sobre o futebol. Eu também pesquisei sobre o tema para que pudéssemos analisar todas as informações e discuti-las. Na parte prática tivemos as brincadeiras com os pés.

Considerações: A maioria dos alunos trouxe alguma informação sobre o conteúdo. A professora regente sabia do meu Plano de Ação e quando comentei que havia pedido uma atividade ela já me alertou para a falta de empenho e compromisso dos alunos desta turma em relação aos trabalhos de casa. Assim, achei positiva a participação da maior parte dos alunos, entendi como uma demonstração de interesse pelo trabalho.

Como já havia imaginado, a pesquisa dos alunos se direcionou apenas para o futebol de campo. O futebol de campo é sem dúvida a modalidade mais difundida entre os futebóis. A ideia de futebóis assume o futebol em suas diversas práticas. Para Damo *apud* Rezer (2010), futebóis é um “termo usado com pouca frequência e resgata o reconhecimento da diversidade desse fenômeno, manifestado na linguagem cotidiana como: futebol de várzea, de salão, de praia, de botão, futevôlei, totó, futsal, "pelada", "racha".” Antes de iniciarmos essa discussão, os alunos apresentaram o que haviam pesquisado.

A pesquisa de alguns alunos se resumiu a informações de seu time favorito no campeonato brasileiro. Como deixei a pesquisa bem livre imaginei que os alunos poderiam trazer informações pouco úteis, mas que para eles eram interessantes já que se tratavam do time que admiram. Acredito que a época do ano em que o Plano de Ação foi realizado também influenciou na escolha dos alunos sobre que informações iriam levar. Estávamos no final de novembro e as discussões sobre a situação dos times mineiros no Campeonato Brasileiro de Futebol estavam intensas, por isso, a maioria trouxe reportagens que davam esperanças ao seu time de sair da zona de rebaixamento.

Achei interessante um aluno trazer um registro do futebol feminino, mesmo com o futebol feminino ainda encontrando dificuldades e sendo pouco valorizado, foi registrado. Pelo que já havia conversado com os alunos anteriormente, as aulas de Educação Física deles eram com atividades específicas para meninas e para meninos, com a quadra dividida ao meio. E ainda, na maioria das aulas, os meninos jogavam o futsal e as meninas pulavam elástico ou jogavam dama, o que reforçava a idéia de que o futsal seria um esporte para meninos.

A questão do gênero ainda traz discussões na Educação Física escolar. Vago (1999), analisa os papéis que a educação física foi assumindo entre o fim do século XIX e início do século XX. De acordo com o autor, a Educação Física esteve, durante sua inserção na escola atrelada ao papel de regeneração da raça e preparação do indivíduo para o mundo do trabalho. Em suas análises, Vago comenta sobre o tratamento diferenciado entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. No decorrer do século, as aulas de Educação Física (representada, por exemplo, pelas cadeiras “Trabalhos Manuaes”, “Exercícios Physicos”) para as meninas se resumia a trabalhos com utensílios domésticos, exercícios de flexão e extensão à sombra, enquanto para os meninos, as regras das marchas militares, exercícios viris. De certa forma, essa diferenciação não ficou no passado. Para a realidade desta turma, especificamente, podemos observar as influências deste momento histórico da Educação Física ao analisarmos o relatos dos alunos. Às meninas, até então, era reservada a delicadeza do elástico, da dama, enquanto os meninos ficavam com o futsal, que exigia mais força, com movimentos mais viris, bruscos.

Entretanto, mesmo com a possibilidade dessa ideia ter sido formada com estes sujeitos, um aluno trouxe informações sobre o futebol feminino, mostrando que para ele tinha algum significado. Acredito que isso possa ter sido influenciado pela naturalidade com que os sujeitos dessa turma lidavam com colegas do sexo oposto. Apesar de todos os problemas encontrados com estes alunos, foi a turma em que não tive problemas em relação a presença de meninos e meninas na mesma atividade. A presença de ambos na mesma atividade não trazia desconforto ou tensões entre os alunos. Em outras turmas, o preconceito entre os sexos era maior.

Um outro grupo de alunos montou um cartaz que além de notícias sobre os times mineiros trouxe a história do futebol de campo e ainda os jogadores que se destacaram no Brasil. Este grupo era formado pelos alunos que me pareciam mais dedicados e interessados em participar do Plano de Ação. Apesar de não ter direcionado a pesquisa para o futebol de campo especificamente, achei interessante os alunos se preocuparem em compreender como e onde esse esporte começou a ser praticado.

Após a breve apresentação dos alunos do que foi pesquisado, iniciamos a reflexão acerca do futebol. Logo que percebi que o futebol seria conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física, tive que deixar meu receio em tratá-lo na escola de lado para aprofundar os estudos sobre o tema. Pelo o que já tínhamos discutido, as aulas de futebol desses alunos se resumia a “jogar bola”, a “pelada”.

Entre as bibliografias estudadas que se relacionam ao futebol, as que apresentam a ideia de futebóis foram as que julguei mais interessantes para ampliar a concepção dos alunos em relação a este conteúdo.

Como já havia percebido que eles sempre se referiam ao futebol de campo, mesmo não tendo este como conteúdo nas aulas de Educação Física, propus com auxílio de slides a discussão “Futebol ou Futebóis?”. Logo que o primeiro slide foi apresentado com este título, os alunos já se manifestaram sobre o equívoco que tinham cometido ao trazer referências somente do futebol de campo e citaram os outros futebóis que conheciam. Os slides traziam breves informações e imagens sobre futebol de areia, futebol de salão, futebol de prego, futevôlei, totó, futebol de botão e os jogos de rua/brincadeiras com os pés.

Os alunos comentaram que conheciam a maioria dos futebóis. O futebol de prego era o menos conhecido. Questionei aos alunos se eles achavam que seria possível praticarmos aqueles futebóis. Apesar de se surpreenderem, se interessaram pela possibilidade. Já estávamos no final do ano letivo, com o período das recuperações se aproximando, comentei com os alunos que não teríamos tempo suficiente para realizar todas as práticas, por isso deveríamos eleger o que seria praticado. Durante a eleição do que seria praticado, os próprios alunos

disseram que deveríamos decidir observando os recursos que tínhamos disponíveis na escola, assim, o futebol de areia foi excluído. Ainda durante essa escolha, iniciaram a discussão da possibilidade de praticar o futvôlei. Alguns disseram ser possível, outro não. Comentei, que poderíamos criar um jogo que fosse semelhante ao futvôlei e estivesse dentro da realidade da escola. Assim, optaram pela presença do futvôlei, do futebol de prego e os jogos de rua/brincadeiras com os pés.

Durante a parte prática, as brincadeiras com os pés, os alunos se sentiram bem à vontade. Era o que estavam acostumados a fazer enquanto brincavam fora da escola. Fizemos o “bobinho”, o gol a gol, chute a gol, 2 toques, balãozinho e a “pelada”.

Uma fato importante de se observar, foi que o aluno que eu tinha mais dificuldades em relação a indisciplina não estava mais participando das aulas. Este aluno vinha apresentando comportamentos que não condiziam com os que a escola exigia. Já tinha tido problemas com a professora regente, com a direção da escola e com outros funcionários, chegando a ficar por muitas vezes agressivo. Em uma situação de conflito com a professora regente, chegou a quebrar o vidro da sala com um soco. Por essas atitudes, a direção optou por afastar o aluno. Já estávamos no final do semestre letivo, e assim ele só iria a escola para fazer as provas finais e ir embora logo após. Sendo assim, este aluno só esteve presente na primeira aula do Plano de Ação.

Registros:



Foto 4 – Apresentação dos slides: Futebol ou Futebóis?



Foto 5 – Chute a gol



Foto 6 - “Pelada”



Foto 7 - “Balãozinho”

Aula 3 – O esporte Futsal X O jogo que jogam. Um novo futebol: Futvôlei

Objetivo: Discutir o esporte futsal e o que jogavam. Iniciar prática do futvôlei.

Desenvolvimento: Iniciamos com a discussão entre o esporte e o jogo futsal. Na parte prática, tivemos o futvôlei.

Considerações: Optei por discutirmos as diferenças entre o jogo que jogavam e o esporte futsal, por essa prática ter sido a mais frequente nas aulas de Educação Física quando comparada aos demais futebolis.

De acordo com Paes (1996) o jogo pode ser considerado como um recurso pedagógico para o ensino e o aprendizado do esporte. Ainda Paes (p. 76, Callois *apud* Oliveira, 1982), define o jogo como:

uma atividade: **a) livre** (conteúdo de diversão nunca de obrigação), **b) delimitada** (circunscrição a limites de espaço e tempo previamente estabelecidos); **c) incerta** (impossibilidade de previsão do desdobramento dos resultados); **d) improdutiva** (incapacidade de gerar bens e tampouco riqueza); **e) regulamentada** (submissão a convenções estabelecidas); **f) fictícia** (fundamentada num contexto de irrealidade perante a vida comum). (p.59)

Estas seriam as principais características da prática que os alunos tinham, diferenciando-se do esporte futsal. Para começar a discussão entre jogo e esporte, indaguei-os se o esporte futsal que eles viam na televisão ou em outros meios de comunicação era o mesmo que jogavam na escola. Eles disseram que não, que apesar de as duas práticas terem o mesmo objetivo principal (o de fazer o gol) os alunos tinham o seu próprio jeito de jogar, porque não eram profissionais. Aprofundando a questão “jogar do seu jeito”, perguntei quais pareciam ser as maiores diferenças. Para os alunos, as maiores diferenças eram as regras, que no futsal que assistiam pareciam ser mais rigorosas, enquanto que no futsal que praticavam poderiam adaptá-las de maneira a atender determinada situação, como por exemplo o número de pessoas, o espaço e material disponíveis.

Para Rezer (2010), as aproximações entre esporte e jogo devem ser consideradas como práticas que mantêm diálogo constante na Educação Física.

Além disso, para o autor, “esporte e jogo se encontram em uma zona de fronteira de difícil demarcação, onde um, invariavelmente, invade o terreno do outro.” Assim, apesar das diferenças encontradas entre o jogo e o esporte futsal citadas pelos alunos, algumas características definiam a prática que tinham como futsal. São essas semelhanças que aproximam o esporte do jogo.

Na parte prática da aula, trouxemos essa relação entre esporte e jogo para tratar o futvôlei. Já havíamos discutido na aula anterior a possibilidade de tratar o futevôlei dentro de nossas realidades. A quadra da escola não tem poste para suporte da rede, por isso, criamos uma forma de prendê-la. Tínhamos várias cadeiras de plástico a disposição, empilhamos uma a uma e amarramos a rede nas cadeiras.

Dividimos a turma em quatro equipes com cinco alunos em cada. Para todos participarem da aula, definimos que a equipe que marcasse cinco pontos primeiro permanecia na quadra para jogar com a próxima equipe. Iniciamos com a bola de vôlei, entretanto os alunos julgaram muito difícil e criaram a possibilidade de jogar com uma bola maior. Tínhamos uma bola de plástico maior disponível, após experimentarem os alunos preferiram a de plástico.

A cada momento os alunos foram criando possibilidades para tornar o jogo possível, interessante. Alteramos a altura da rede, incluímos a possibilidade de quatro toques para cada equipe, o que seria permitido... Para eles, isso era necessário, já que não eram profissionais e poderiam construir o próprio jogo. Senti que a discussão anterior veio de encontro ao que estavam tendo na prática. Neste momento, a aula de Educação Física atinge um de seus objetivos, como descrito por Betti e Zuliani (2002), em que o aluno é introduzido e integrado num determinado conhecimento e tem condições de “produzi-lo, reproduzi-lo e transformá-lo, instrumentalizando-o para usufruir do jogo”. O que os alunos estavam jogando era o futvôlei, mas para que houvesse participação, interesse, significação, foi necessário criar um jogo de acordo com aquela realidade específica.

Registros:



Foto 8 – Futvôlei



Foto 9 - Futvôlei

Aula 4 – Futebol de Prego.

Objetivo: Construir, praticar e discutir o futebol de prego.

Desenvolvimento: Iniciamos construindo o tabuleiro para o jogo do futebol de prego. Durante a construção, discutimos o posicionamento dos jogadores/pregos para depois praticarmos.

Considerações: O futebol de prego, como dito anteriormente, foi uma opção dos alunos por ter sido, entre os futebolis apresentados o menos, ou seja, partiu da curiosidade dos alunos em conhecer uma nova prática.

Levei os pedaços de madeira para montarmos o campo, a tinta para pintá-lo, os pregos e o martelo. Os alunos foram divididos em grupos e cada um iria criar seu próprio jogo. Ao final da construção cada aluno pôde experimentar as diferentes formações propostas pelos outros grupos.

Assim que os alunos pintaram o campo, começamos a discutir como os pregos seriam dispostos no tabuleiro. Iniciar esta discussão foi necessária para que aspectos técnicos e táticos também fossem discutidos durante o trabalho. E para isso, comentei que os alunos deveriam escolher a posição dos jogadores/pregos tendo em mente que estes não mudariam de lugar, portanto, antes de pregá-los deveriam traçar os objetivos do jogo, criar estratégias, prever o que poderia acontecer durante o jogo. Importante afirmar que, com isso, não pretendia fazer com que o jogo se tornasse extremamente competitivo, ou que envolvesse questões de rendimento, a minha opção por tratar a técnica e a tática dessa maneira foi para fazer com que os alunos analisassem de maneira crítica o que estavam vivenciando.

Mesmo tratando neste momento da prática futebol de prego, em que os alunos não iriam realizar movimentos corporais próprios do futebol de campo, aproveitamos a necessidade de se definir onde colocar os jogadores em campo como um gancho para a análise da técnica e da tática no ensino do esporte.

Para Costa e Nascimento (2004), há equívocos por parte dos professores de Educação Física que associam o ensino da técnica e da tática com a busca do rendimento ótimo do aluno. O que se deve ter definido, de acordo com o autor, que é necessário abordar conhecimentos técnicos e táticos para que haja evolução no aprendizado do aluno.

Daolio (2008), analisa as diferentes associações que a palavra técnica vem assumindo a partir das mudanças da sociedade. O autor comenta a curiosa relação que se faz entre “técnica” e “movimento correto”, sendo esta talvez a relação mais presente na Educação Física. Para o autor, a visão tradicional da Educação Física, pressupões que a técnica que não se assemelha à ação realizada por um atleta de alto nível é tida como errônea ou de baixa qualidade. Entretanto, o autor aponta para a necessidade de compreender a técnica como o “conjunto de modos de se fazer” e a tática como “as razões do fazer”. E completa afirmando que “tática deve

ser pensada como a necessidade de desenvolvimento do jogo, o que é melhor de se fazer em determinada situação”, enquanto a técnica deve ser compreendida como construção humana, com significados culturais específicos, que apresenta caráter autoral, variável. Assim, para se tratar o esporte, com o objetivo de formar alunos críticos, criativos, capazes de criar e solucionar situações, a Educação Física deve considerar a técnica e a tática como essenciais.

Foi interessante perceber que a situação do posicionamento dos pregos/jogadores geraram condições para que os alunos pensassem, criassem suas formações em campo. Dois grupos preferiram “facilitar” o jogo, partiram do objetivo “fazer gol”, portanto os pregos deveriam ficar em posições que trouxessem essa situação com maior facilidade. Outros três grupos preferiram “dificultar” o jogo, posicionando os pregos de maneira a atrasar as chances de gol.

Ao experimentarem os diversos tabuleiros, os alunos se sentiram desinteressados em jogar nos tabuleiros em que a posição dos pregos dificultava o gol. A motivação maior era em participar daqueles em o gol era feito de maneira mais fácil. O que já era de se esperar, afinal o objetivo principal do futebol de prego é o gol, assim, quando não conseguiam atingir este objetivo, os alunos perdiam a motivação.

Registros:



Figura 10 – Confecção do tabuleiro para o futebol de prego



Foto 11 - Confeção do tabuleiro para o futebol de prego



Foto 12 - Confeção do tabuleiro para o futebol de prego

Aula 5 – Avaliação

Objetivo: Analisar possíveis alterações nas relações professor-aluno e aluno-aluno, o que foi criado a partir do Plano de Ação, criar novas reflexões sobre a prática pedagógica.

Desenvolvimento: Solicitei aos alunos que fizessem dois cartazes, em um deles deveriam colocar o que achavam que tinha mudado nas aulas de Educação Física, incluindo pontos positivos e negativos, e no outro, que conhecimento foi acrescentado com as aulas realizadas.

Considerações: A avaliação dos alunos se aproximou das reflexões que eu vinha fazendo no decorrer das aulas. Em relação às mudanças que tivemos durante estas aulas, eles citaram como principal a disciplina. Para eles, esta alteração se deu por dois fatores principais, um deles foi a escolha do conteúdo. O futebol desde o início se mostrou a prática mais significativa para estes alunos, sendo assim, confirmando minha hipótese inicial, a opção por este conteúdo foi essencial para que a participação e o interesse reduzissem a indisciplina. Após a realização do trabalho devo concordar com os alunos. Como professora iniciante eu estava cheia de inseguranças e confesso que hoje percebo que meu maior erro foi o de bater de frente com os alunos. Antes do Plano de Ação, o que eu queria era que minhas ideias e forma de trabalhar fossem simplesmente aceitas pelos alunos desta turma. No início, eu os considerava até mesmo alienados por cobrarem o futebol, mas não consegui perceber que o meu preconceito em tratar este conteúdo com esta turma foi a principal causa para as relações de tensão que foram criadas. Ao final do trabalho percebo que ter assumido os futebóis como possibilidade de intervenção nas aulas de Educação Física desta turma foi fundamental para reduzir de forma efetiva a indisciplina dos alunos.

O segundo fator citado pelos alunos como responsável pela redução da indisciplina, foi a ausência do aluno tido como o mais indisciplinado desde o início do trabalho. Para eles, a atitude da equipe escolar em afastar este aluno, reduziu o comportamento de indisciplina do restante da turma. Este aluno era considerado até mesmo pelo demais alunos como um líder, infelizmente, pelas atitudes negativas que a turma tinha. Acredito que este afastamento teve sim consequências no andamento do Plano de Ação. Concordo com os alunos, já que o aluno afastado era capaz de desestabilizar qualquer situação de controle que eu tinha. Esta situação acabou me trazendo maiores indagações sobre a questão de se excluir alunos que desestabilizam a turma das aulas de Educação Física. Durante nossa formação somos levados a concluir que não devemos privar os alunos de nenhum conhecimento a que tenham direito, mas como tratar esta questão quando um aluno é capaz de desestabilizar a turma inteira, tornando a aula praticamente impossível de acontecer? Não foi por iniciativa minha que o aluno desta turma foi afastado da aula, o que mostra que em outras situações ele também atrapalhava. Então, se até mesmo os próprios alunos chegam a conclusão de que a ausência dele foi

importante para o melhor andamento da aula, como os professores e demais funcionários da escola devem agir diante desta situação? Penso que um novo trabalho, tendo esta situação como foco possa ser desenvolvido futuramente, para que as indagações formadas por esta situação possam me trazer novos olhares sobre a exclusão dos alunos das aulas.

Entre os apontamentos negativos, os alunos colocaram que os demais conteúdos da Educação Física deveriam ter sido tratados dessa forma, envolvendo outras possibilidades práticas, discussões teóricas, pesquisa, confecção de materiais. Além disso, comentaram que os futebóis deveriam ter sido tratados no início do ano, para que assim tivessem mais tempo para experimentar as práticas que ficaram de fora deste trabalho. Eis aí fatos que mostram que eu me equivoquei ao iniciar meu trabalho. Por muitas vezes coloquei como prioridade em meu planejamento inovar os conteúdos, mas sem tratá-los didaticamente, através de uma sequência metodológica, com objetivos específicos. E acredito que, apesar de ter aprofundado mais em leituras para construir o Plano de Ação, ainda falhei em relação a organização e sequenciação do tema.

Meu receio em trabalhar os futebóis, justificado pela minha formação acadêmica com muitas críticas relacionadas ao esporte e a falta de interesse em pesquisar este tema a procura de subsídios críticos, fez com que eu evitasse colocá-lo em meu planejamento. A partir das reflexões realizadas no curso de especialização em Educação Física Escolar da UFMG, passei a analisar a possibilidade da presença do futebol como uma estratégia para reduzir o meu problema com a indisciplina. Entretanto, assumi essa possibilidade e comecei a estruturá-la já no período final do ano letivo, o que acabou dificultando um planejamento que incluísse as demais práticas que envolvem os futebóis. Esta foi uma grande limitação do meu trabalho. As aulas acabaram sendo montadas de acordo com o número de aulas que eu ainda teria disponíveis, que foram reduzidas por conta das reuniões de pais, provas finais, provas recuperação final.

Ao registrarem o que foi acrescentado, os alunos comentaram que aceitar o futebol como futebóis foi uma constatação que fazia sentido para eles. Apesar de já terem ouvido falar das outras práticas relacionadas ao futebol, os alunos disseram que praticá-las foi uma novidade interessante. Até então, eles não tinham imaginado

essas práticas dentro da aula de Educação Física na escola. Além disso, disseram que adaptar as regras dessas novas práticas foi essencial para que estas se tornassem motivantes.

Assumir o futebol como futebóis foi também algo novo para mim. Esta possibilidade me fez reduzir meu preconceito em relação ao futebol nas aulas de Educação Física, e pensar ainda que o problema não está na presença de determinado conteúdo na escola, e sim na maneira como este conteúdo será tratado. O professor é que será o responsável por colocar determinado conhecimento como uma simples fazer ou assumi-lo como uma prática que traz consigo uma história, contextos, significados e que, por isso, deve ser pensado e praticado de maneira crítica.

Registros:



Foto 13: Cartazes da avaliação

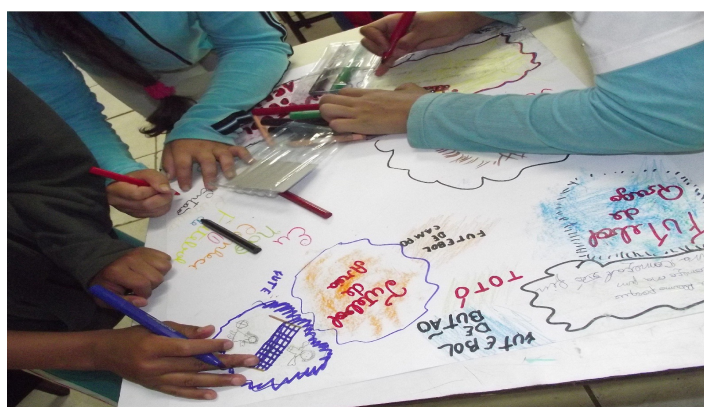


Foto 14: Cartazes da avaliação



Foto 15: Cartazes da avaliação



Foto 16: Cartazes da avaliação

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente Plano de Ação pude refletir sobre minha prática como professora de Educação Física. Pude perceber que a investigação da realidade a ser tratada e o diálogo com os alunos são essenciais para a construção de um trabalho viável. Minha dificuldade em tratar a indisciplina dos alunos estava relacionada à minha vontade de trazer conteúdos novos que, por muitas vezes, não faziam sentido para os alunos. A investigação e o diálogo foram o ponto de partida para que fosse construído um planejamento que estivesse relacionado ao que os alunos esperavam das aulas de Educação Física. Ao final do trabalho percebo que partir do que é significativo para a realidade em que se trabalha faz com que aulas se tornem mais interessantes para os alunos e, com a maior participação e interesse, a indisciplina é reduzida. Além disso, conclui que trazer novidades não significa realizar um bom trabalho, ainda mais se estas novidades não despertarem o interesse dos alunos.

Acredito que como professora ainda iniciante, queria me mostrar superior, e fazer com que os alunos me enxergassem como a responsável por tomar as decisões e isto acabou prejudicando meu trabalho. Cheguei a pensar que os alunos queriam que eu reduzisse minhas aulas ao jogar futebol, sem perceber que poderiam jogar futebol ampliando a visão sobre este conteúdo. Confesso que no início do trabalho eu tinha como meta não me render ao futebol, já que me assumia como a responsável por tomar as decisões e, até mesmo subestimando os alunos, acreditando que eles não seriam capazes de praticar algo que fosse além do jogar.

Ao analisar todo o trabalho desenvolvido com este Plano de Ação, percebo que iniciei minha prática docente cometendo alguns equívocos. O primeiro diz respeito à minha postura diante dos alunos. Acreditei que me impor, me colocar como a responsável por tomar as decisões, seja em relação ao conteúdo ou sobre o comportamento que os alunos deveriam ter, era a melhor forma de conseguir o respeito. Entretanto, no decorrer do Plano de Ação fui percebendo que este foi um grande erro, já que desta forma criei barreiras para que uma relação saudável fosse criada com os alunos. Assim, foram criadas tensões e desentendimentos entre mim e os alunos que acabaram prejudicando minha prática docente.

O segundo equívoco, está relacionado ao conteúdo esporte, e mais especificamente ao futebol. Apesar de saber da importância deste conteúdo nas aulas de Educação Física, ao iniciar minha prática como professora eu não sabia estruturar este conteúdo, imaginando que não inclui-lo em meu planejamento seria a melhor opção. Entretanto, com o início do Plano de Ação, as leituras indicadas pelos professores do curso LASEB – Educação Física Escolar, as reflexões sobre o trabalho que estava realizando como professora, me fizeram perceber que eu não havia me dedicado suficiente ao estudo do conteúdo esporte, por isso, não sabia como planejá-lo. O contato com o texto de Ricardo Rezer, que assume os futebóis, foi essencial para que eu ampliasse minha visão em relação ao futebol, já que com ele, vi propostas concretas para um ensino sistematizado desse conteúdo.

A experiência em tratar o esporte de maneira sistematizada fez com que minha insegurança em incluí-lo em meu planejamento fosse reduzida. Após o Plano de Ação, percebo com mais facilidade que criticar o esporte não pode ser confundido com o não ensino do esporte na escola. Pelo contrário! É na escola e com a mediação do professor que ele deve ser criticado e reinventado pela Educação Física.

Creio que o trabalho desenvolvido com o Plano de Ação fez com que a Educação Física fosse mais valorizada enquanto componente curricular desta escola. Penso que a Educação Física é por muitas vezes marginalizada pelo senso comum de que nada é aprendido nas aulas. E durante o Plano de Ação, eu e os alunos aprendemos mais sobre os futebóis. Eu conhecia de uma maneira superficial os futebóis que foram tratados no Plano de Ação, achei interessante ter que aprofundar o conhecimento de futebóis que fizeram parte da minha infância, mas que eram apenas praticados por mim. Com o trabalho aprendi mais sobre os futebóis apresentados. Ler sobre as regras, confeccionar os materiais, recriar o jogo com os alunos foram situações que nos aproximaram, que fizeram com que a aula fosse conduzida de maneira harmoniosa, o que dificilmente acontecia até então.

Como pontos negativos, julgo como deficientes minha organização didática e os instrumentos de avaliação. Acredito que ambos tenham sido influenciados pelo fato de eu não ter me programado de maneira viável em relação ao tempo para estruturação e aplicação do Plano de Ação. Deixei para realizá-lo já no final do ano e

acabei tendo que correr contra o tempo para realizar o trabalho. Como julguei como prioridades ampliar a visão que os alunos tinham sobre a Educação Física e reduzir a indisciplina nas aulas, minha avaliação teria que acompanhar estas prioridades. Entretanto, hoje percebo que deixei a desejar em relação à estruturação do conteúdo.

Ao analisar o trabalho, percebo que a leitura sobre determinado conteúdo, um planejamento sequencial e avaliação são essenciais para exercer um bom trabalho. Penso que as estratégias utilizadas para reduzir meu problema da indisciplina foram eficazes, já que durante o Plano de Ação, as aulas aconteceram de maneira mais harmoniosa. Entretanto, esta escola só atende alunos até o 5º ano, e como o trabalho foi realizado já no final do ano eu não tive mais aulas com estes alunos. Este fato dificultou minha avaliação sobre o comportamento dos alunos e sobre o que mudou para eles em relação ao que pensam ser a Educação Física (espaço de recreação ou disciplina em que conhecimentos são aprendidos).

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Edson Souza de; SHIGUNOV, Viktor. **Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em educação física. 2000. Dissertação** (Mestrado em Educação EFísica)- CDS/UFSC. Florianópolis, Santa Catarina.

BRACHT, Valter. **Legitimidade da Educação Física II: o retorno.** Congresso Espírito-Santense de Educação Física. Vitória, Espírito Santo. 1999.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo: Editora Mackenzie. Ano 1, nº1,p73-81, 2002.

COSTA, Luciane Arantes; NASCIMENTO, Juarez do Nascimento. **O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas.** Revista da Educação Física, v. 15, nº 2, 2004. Maringá.

DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Émerson Luiz. **Técnica Esportiva como Construção Cultural: Implicações para a Pedagogia do Esporte.** Revista Pensar a Prática, v. 11, nº1, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar II.** In: Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 2 (2009). Campinas: CBCE e Autores Associados, 2010.

HIRAI, Rodrigo Tetsu; CARDOSO, Carlos Luiz. **Para a compreensão da concepção de “aulas abertas” na Educação Física Escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação e ...** Revista Motrivivência, ano XVIII, nº 27, p. 119-136 . Dez./2006.

JEBER, Leonardo José. **A educação física no ensino fundamental: o lugar ocupado na hierarquia dos saberes escolares.** 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ed. da Ulbra, 2001.

REZER, Ricardo. **Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de Educação Física**. Revista Movimento, v. 16 nº 1, 2010. Porto Alegre.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola**. Caderno Cedes, ano XIX, n. 48, 1999.

YOUNG, Michael. Uma abordagem do estudo dos programas enquanto fenômenos do conhecimento socialmente organizado. In: GRÁCIO, Sergio; STOER, Stephen. *Sociologia da Educação II - A construção social das práticas educativas*. Belo Horizonte: Horizontes, 1982. p. 151-187. JEBER, Leonardo José. **A educação física no ensino fundamental: o lugar ocupado na hierarquia dos saberes escolares**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.